



*O artigo abaixo é uma reprodução na íntegra da **Profª Drª Zizi Trevisan** que foi publicado no *Jornal Oeste Notícias* (dia 12 de setembro de 2009, seção *Opinião*, p. 1.2). Zizi Trevisan foi aluna do *Colégio Cristo Rei*, no período de 1956 a 1962; é educadora, doutora em Letras, e vice-prefeita de *Santo Anastácio (SP)**



Iniciei minha alfabetização em 1955 com a doce e competente professora Jovita (uma prima querida da minha mãe) no Grupo Escolar “Dr. José Foz”, na Vila Furquim, em Presidente Prudente. Em 1956, minha família transferiu-me para o **Colégio Cristo Rei**, onde permaneci até o final da minha educação Fundamental (8ª série), em 1962. Naqueles sete anos de convivências diárias com as **Irmãs Beneditinas**, moldei minha identidade humana, pautada na disciplina, no respeito e na religiosidade.

Vivíamos, naquela época, uma realidade social já cultivada por um modelo capitalista que respondia pelo crescimento e diversificação da população urbana, ampliada pela incorporação crescente de imigrantes que buscaram as cidades, confiantes no anúncio de um país em processo de modernização. A literatura nacional, o mercado de livros, as campanhas de alfabetização, sintonizados com os padrões de cultura europeia, ganhavam relevância em nosso país. Os livros para crianças e jovens também refletiam o transplante de temas e textos europeus. E foi nesse contexto, que, no **Colégio Cristo Rei**, em Presidente Prudente, iniciei minha formação enquanto leitora e cidadã. Não dá para esquecer, por exemplo, a obra de Figueiredo Pimentel, (adaptador de histórias infantil da Europa: as versões abrigadas de Perrault, Grimm e Andersen; os *Contos da Carochinha, Histórias da Avozinha, Contos de Fadas*). Também marcaram minha geração os *Contos Pátrios* de Olavo Bilac, os textos de Júlia Lopes de Almeida, contidos no livro *História de Nossa Terra*.

Enfim, foi com esse acervo que iniciei meu repertório de leitura. É verdade que, hoje reconhecemos a função utilitária – pedagógica das lições de civismo e patriotismo exacerbados destes textos (culto da caridade; culto da obediência às instituições – Escola/Família/Igrejas; culto

da dedicação aos estudos, da persistência no trabalho e do amor à família; exaltação da língua nacional). Mas é exatamente o ponto a ser descartado nesse texto, cujo objetivo é prestar uma homenagem ao **Colégio Cristo Rei**.

Se, por um lado, nos anos 50 do século passado, o **Colégio das Irmãs Beneditinas** em Presidente Prudente, como todas as instituições escolares da época, pautava sua ação educacional num compromisso e ideologicamente conservador, herdado do contexto social e cultural apontado, por outro, constituía uma exemplar manifestação dos efeitos produtivos de uma educação rígida, que, apesar de reconhecida severidade (que era própria do contexto) conseguia levar seus educandos à formação ética e moral, formando valores humanos e familiares, e também ao aprimoramento da expressão verbal, escrita e falada. O que reconheço, hoje, é que os requintes da linguagem, as construções rebuscadas desta literatura, a que minha geração teve acesso na infância, permitiu-nos a formação de um estilo próprio, adquirido a partir dessas experiências de leitura. E os conteúdos conservadores destes textos lidos fizeram aflorar, em nós, uma gama de princípios éticos e morais que permaneceram como marcas de nossa identidade, dispensado, é claro, o excesso do rigor da cultura institucional da época.

Assim, ao reler, hoje, o texto de Júlia Lopes de Almeida, intitulado *Carta*(1925), reproduzido por ZILBERMAN e LAJOLO em *Um Brasil para crianças*(São Paulo, Global, 1988), extraído da minha memória o conservadorismo do modelo educacional que perdurava, ainda nos anos 50, e me revejo, na infância no **Colégio Cristo Rei**.

Levantávamos às seis horas da manhã, tomávamos banho frio, arrumávamos o quarto e saíamos para o colégio. E éramos nós próprios (e não nossos pais) que conferíamos nossas bolsas escolares, verificando se os materiais estavam em ordem. Nas aulas, diante das “preleções” das nossas mestras, mantínhamos total silêncio, mesmo havendo exagero no tom de voz de quem nos repreendia. Tínhamos “método inalterável” para tudo. Lembro-me dos nossos uniformes impecáveis, da nossa posição padronizada para nos mantermos na fila de entrada (às aulas), na fila de ida (ao) e regresso (do) recreio e na hora mais dispersiva (livre) da saída. Não vou esquecer, nunca, a fiscalização que era feita, dos nossos cabelos, em todas as segundas-feiras, pela manhã. Não podíamos entrar no Colégio nas segundas-feiras com os “penteados” feitos no final de semana e conservados pelos fixadores da época (laquê). Quem não cumpria a ordem, voltava para casa para lavar a cabeça e só depois retornar às aulas.

O que me parecia, na época, excesso de regras, hoje me parece compreensível. Na verdade, se pretendia no **Colégio Cristo Rei**, com estes “métodos inalteráveis”, “regimes estabelecidos”, impor e ensinar limites às crianças e jovens.

Reconheço, no entanto, a externalização equivocada de muitos conceitos e modos de vida; como, por exemplo, o conceito expresso de que não basta a felicidade de nossos pais, para que sejamos completamente felizes. Também não basta apenas uma hierarquização no “controle” familiar (autoridade dos pais repassada aos filhos mais velhos) para que possamos desenvolver nossas responsabilidades sociais.

O filho mais velho será sempre “o irmão” e nunca o substituto do pai ou da mãe, ainda que assumo, na ausência destes, o acompanhamento do dia a dia da família, mas esta (super)

valorização das figuras da família nos conduz, a meu ver, ao respeito extensivo pelos que nos rodeiam, incluindo-se, neste conceito de respeito, a preocupação como outro. E ter respeito pelo outro sempre envolverá a consideração da importância dos limites dos nossos próprios direitos.

Estudos revelam que os criminosos de alta periculosidade se iniciaram em crime menores, desrespeitando, por exemplo, sinais de trânsito.

Por isso que é que me sinto privilegiada de ter estudado vários anos no **Colégio Cristo Rei**. Lá, no passado, estão as raízes fortes do presente de toda minha geração; relações humanas saudáveis, disciplina, religiosidade, poder de comunicação oral e escrita, paixão pelas artes, identidade firme e forte. O conservadorismo ficou esquecido. Mas o modelo de uma vida necessariamente equilibrada pela disciplina e pelo bom senso permaneceu para sempre.

Maria de Lourdes Zizi Trevisan Perez possui graduação (1969) e, mestrado (1983) e doutorado (1990) em Letras pela UNESP/FCL - Faculdade de Ciências e Letras de Assis(SP). É professora aposentada pelo Departamento de Educação da UNESP/FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - SP. Atualmente é Professora do Programa de Mestrado em Educação da UNOESTE; e Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e Pró-Reitora de Extensão e Ação Comunitária na mesma Instituição em Presidente Prudente - SP. É autora de cinco livros, com edições renovadas de três deles. Interagiu como co-autora em cinco livros. Possui dois produtos tecnológicos, dos quais um registrado e outros 90 itens de produção técnica e participações em eventos científicos no Brasil. Orientou diversas dissertações de mestrado e uma tese de Doutorado nas áreas de Letras, Educação e Comunicação Social. Recebeu dois prêmios e várias homenagens. Sua experiência docente e em pesquisa se centra nas áreas de Letras e Educação, com ênfase em metodologia do ensino de linguagens (contribuições da semiótica para a leitura e produção de textos).